

## QUEM FAZIA O JANTAR DO ADAM SMITH? – Katrine Marçal

*Quando os economistas de Chicago descobriram que as mulheres existem, as incluíram no modelo como se elas fossem iguais a eles.*

Original em inglês: <https://economics.com/who-cooked-adam-smiths-dinner/>

Aos homens sempre foi permitido agirem a partir de seu próprio interesse – tanto na economia, quanto no sexo. Para as mulheres, essa liberdade sempre foi um tabu, quando não expressamente proibido.

Às mulheres resta a tarefa de cuidar dos outros, não de maximizar seus próprios ganhos. A sociedade diz que elas não podem ser racionais, porque a gravidez, o parto e a menstruação as prendem em seus corpos, e o corpo é identificado como sendo o oposto da razão.

A luxúria e a avareza nas mulheres sempre foram criticadas com muito mais ênfase do que nos homens. São vistas como ameaçadoras, destrutivas, perigosas e antinaturais. “As pessoas me chamam de feminista todas as vezes em que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho ou de uma prostituta”, escreveu Rebecca West. As mulheres nunca puderam ser tão egoístas quanto os homens.

E, se a economia é a ciência do interesse próprio, como as mulheres se encaixam nela?

A resposta é: aos homens é permitido defender seu interesse próprio enquanto as mulheres sustentam o frágil amor que deve ser conservado. Sendo excluídas.

Ainda que a palavra “economia” venha do grego *oikos*, que significa “casa”, os economistas nunca demonstraram muito interesse no que exatamente acontece em casa. Para eles, a natureza altruísta das mulheres as prendia à esfera privada e, portanto, elas não eram economicamente relevantes.

Atividades como cuidar dos filhos, limpar, lavar e passar as roupas da família, não criam bens tangíveis que possam ser comprados, negociados ou vendidos. Assim, elas também não contribuem com a prosperidade, pensavam os economistas em 1800. A prosperidade representava tudo que poderia ser transportado, que era limitado e que, direta ou indiretamente, produzia prazer ou evitava a dor.

Esta definição significa que tudo aquilo para o que era esperado que as mulheres se dedicassem permanecia invisível.

Os frutos do trabalho masculino podiam ser empilhados e medidos em termos de dinheiro. Os resultados dos trabalhos das mulheres eram intangíveis. A poeira que é espanada se acumula novamente. Bocas que foram alimentadas sentirão fome. As crianças adormecidas acordam. E, após o almoço, é hora de lavar a louça. Depois da louça lavada, vem o jantar. E mais pratos sujos.

O trabalho doméstico é cíclico por sua natureza. Portanto, o trabalho das mulheres não era uma “atividade econômica”. O que elas faziam era apenas uma extensão de sua natureza amorosa. Elas continuariam trabalhando sempre, então não fazia sentido gastar tempo quantificando esse trabalho. Ele vinha de uma outra lógica que não a econômica. Do feminino. Do outro.

Esta forma de encarar as coisas mudou na década de 1950. Um grupo de homens no departamento de economia da Universidade de Chicago começou a acreditar que toda atividade humana poderia ser analisada utilizando-se modelos econômicos, mesmo as atividades econômicas das mulheres. Eles acreditavam que somos indivíduos racionais, não só porque competimos por nosso próximo bônus ou pechinchamos em lojas de automóveis usados, mas também porque limpamos atrás dos sofás, penduramos a roupa lavada no varal ou parimos crianças. E o mais famoso desses economistas era um jovem da Pensilvânia chamado Gary Becker.

Junto com outros pesquisadores da Universidade, Gary Becker começou a incluir fenômenos como trabalho doméstico, discriminação e vida doméstica nos modelos econômicos.

Podemos estranhar que isso tenha acontecido na Universidade de Chicago, uma escola caracterizada por uma agenda neoliberal estrita, famosa por seu fanatismo econômico.

O departamento floresceu após a guerra e se tornou conhecido como o baluarte da crítica econômica ao envolvimento do estado no mercado. Aqui, das margens do Lago Michigan, a desregulamentação e a taxação decrescente eram apregoadas mais barulhentosamente do que em qualquer outro lugar. Milton Friedman, que, mais tarde, inspirou políticos da direita como Margaret Thatcher de uma forma quase religiosa, veio para cá em 1946; seu amigo George Stigler o seguiu em 1958.

Então, por que os economistas, especificamente estes de Chicago, começaram a ser importar com as mulheres?

Em 1979, o filósofo francês Michel Foucault deu uma série de palestras no Collège de France, em Paris. Foi no mesmo ano que Margareth Thatcher se tornou primeira-ministra da Grã-Bretanha e as novas ideias de direita começaram a ganhar

legitimidade. Foucault estava muito preocupado. Ele falou sobre Gary Becker e a ideia da Escola de Chicago de que cada parte da sociedade poderia ser analisada com o auxílio da lógica econômica. Todas as pessoas eram como o “homem econômico”, Becker afirmava, assim, a lógica econômica era tudo de que precisávamos para compreender o mundo. Qualquer aspecto que quiséssemos estudar. Tudo era economia. E a disciplina da Economia deveria, portanto, se expandir para configurar uma teoria sobre o mundo inteiro.

Esse Gary Becker é um fenômeno interessante, Foucault pensou, mas suas ideias são muito extremas. A economia dominante nunca iria tão longe na direção do imperialismo econômico, o pensamento de Gary Becker era exagerado. Nem mesmo a crescente direita neoliberal poderia aceitar esse tipo de teoria. Ela era simplesmente absurda demais. Trinta anos mais tarde, em 1992, Gary Becker ganhou o Prêmio Nobel de Economia.

Nessa época, Michel Foucault já estava morto há sete anos e a definição de Becker da economia como sendo uma lógica que poderia ser aplicada para o mundo como um todo havia se tornado universal. A noção do homem econômico se tornou tão dominante que os economistas não mais se preocupavam em saber se uma atividade criava bens tangíveis com uma etiqueta de preço acoplada. No mundo do homem econômico, tudo tinha uma etiqueta de preço – a única diferença era a moeda. E, subitamente, mesmo as tarefas tradicionalmente femininas podiam ser analisadas economicamente.

Os economistas de Chicago foram os primeiros a levarem as mulheres a sério como parte da economia. O problema era seu método. Como a economista Barbara Berfmann escreve, “dizer que eles não são feministas em sua orientação seria equivalente a dizer que os tigres de Bengala não são vegetarianos”.

Eles examinaram o mundo que a sociedade havia reservado às mulheres. Armados de seus modelos econômicos, eles buscaram descobrir o que já sabiam. Porque eles já tinham a resposta: o homem econômico. Um sonho de ordem no qual tudo poderia ser reduzido ao mesmo caldo. Objetivo, limpo e completamente claro. Um sistema de inevitabilidades.

De fato, as mulheres, por milhares de anos, têm sido sistematicamente excluídas das partes da sociedade que detém os poderes econômico e político, mas isso deveria ser apenas um descuido. Uma mulher pode, logicamente, ser uma pessoa econômica, da mesma forma que um homem. Se ele é independente, isolado e competitivo, ela também pode ser. Ela precisa ser assim, de que outra forma seria?

Os economistas de Chicago começaram a fazer perguntas completamente novas usando a mesma lógica econômica. “Por que as pessoas se casam?”, eles se perguntavam. Para maximizar sua própria utilidade. Por que as pessoas têm filhos? Para maximizar sua própria utilidade. Por que as pessoas se divorciam? Para maximizar sua própria utilidade. Os economistas escreveram suas fórmulas e

equações. Olhem, olhem, elas funcionam! Mesmo com as mulheres. Se elas ganham menos, deve ser porque merecem ganhar menos, eles pensaram. O mundo é um lugar racional e o mercado sempre está certo – se ele decidir que as mulheres devem ganhar menos, deve ser porque elas merecem. A tarefa dos economistas é, simplesmente, explicar porque o mercado, mesmo nesse caso, está correto em sua avaliação.

Os salários menores das mulheres são resultado de sua menor produtividade, os economistas de Chicago concluíram. As mulheres não são preguiçosas ou menos talentosas, mas simplesmente não é racional que as mulheres se esforcem tanto no trabalho quanto os homens. Afinal, uma mulher precisa tirar uma folga de alguns anos em sua carreira para ser mãe. Não há razão para que ela busque educar-se mais ou tente com tanto empenho. Assim, as mulheres investem menos em suas carreiras e, portanto, ganham menos.

Essa análise se tornou influente. Mas, quando essas teorias foram comparadas com a realidade, ficou claro que essas explicações não eram convincentes. Muitas mulheres eram tão educadas quanto alguns homens e, mesmo assim, ganhavam menos – não importa quão duro elas trabalhassem. Parecia haver algo chamado “discriminação”, e como poderiam os economistas de Chicago explicar isso?

A teoria de Gary Becker sobre a discriminação racial é a tentativa mais bem-sucedida deles. Becker afirmava que a discriminação racial ocorria porque certas pessoas simplesmente preferiam não se misturar com pessoas negras. Se todas as pessoas eram racionais e a discriminação ainda assim acontecia, então mesmo a discriminação deveria ser racional.

Um consumidor que acontecesse de ser racista poderia preferir não ir a um restaurante que servisse pessoas negras, da mesma forma que ele poderia preferir beber seu café com quatro doses de leite. Isso também implicaria que vendedores negros pudessem assustar certos clientes, Becker argumentava. E, para compensar, os empregadores pagariam menos às pessoas negras. Trabalhadores brancos racistas poderiam também demandar compensações por serem forçados a trabalhar com pessoas negras e clientes racistas poderiam demandar preços mais baixos: se você quer atrair clientes racistas, mesmo tendo empregados negros, você deve compensá-los por ter mãos negras empacotando suas compras. E tudo isso combinado acaba por diminuir os salários das pessoas negras.

Gary Becker achava a discriminação desagradável, mas estava convencido de que o mercado poderia resolver inclusive isto. Tudo o que precisaríamos fazer era não

A loja A, que só tinha clientes brancos, seria empurrada para fora do negócio pela loja B, que se tornaria mais lucrativa precisamente porque empregava pessoas negras e tinha custos menores. Além disso, as empresas perceberiam que era mais barato dividir a força de trabalho. Brancos e negros poderiam trabalhar em lojas diferentes dentro da mesma rede – e o empregador não teria que compensar os racistas brancos

com salários maiores. Em outras palavras, tudo se tornaria justo e o salário de todo mundo ficaria menor.

O problema foi que as coisas não aconteceram como os economistas esperavam. A discriminação não acabou – nem das pessoas negras, nem das mulheres. Em relação à discriminação de gênero, eles tinham outra explicação disponível: a teoria de Gary Becker sobre o trabalho doméstico.

O que faz uma mulher casada quando chega em casa do trabalho? Limpa as bancadas da cozinha, passa a roupa lavada e ajuda as crianças com o dever de casa. O que faz um homem casado quando chega em casa? Lê o jornal, assiste TV e, talvez, brinca com as crianças por alguns momentos, Becker imaginava.

As mulheres que têm uma carreira profissional usam mais do seu tempo livre no trabalho doméstico e isso é mais cansativo do que estar de folga. Aqui, segundo Becker, reside a explicação sobre porque é mais racional pagar menos às mulheres. Ler histórias e tirar o pó dos móveis as deixa mais cansadas do que os homens. Então, elas não podem se esforçar tanto no escritório.

Ao mesmo tempo, os economistas afirmavam o oposto – que a razão pela qual as mulheres fazem mais trabalhos domésticos é porque elas ganham menos. E, como as mulheres ganham menos, as famílias perdem menos se elas ficarem em casa.

Em outras palavras, os salários menores das mulheres decorrem delas fazerem mais trabalhos domésticos, mas o fato de que as mulheres fazem mais trabalhos domésticos significa, por sua vez, que elas ganham salários menores.

Ou seja, a Escola de Chicago raciocinava em círculos.

Outras teorias sobre as mulheres e o trabalho doméstico eram baseadas na ideia de que as mulheres simplesmente foram feitas para ele. Se é verdade que mais mulheres lavam os pratos, limpam os narizes escorridos das crianças e fazem listas das coisas que precisam ser compradas, deve ser porque essa era a divisão de trabalho mais eficiente. Os economistas modelaram as famílias como sendo unidades com um objetivo em comum, um tipo de pequeno negócio que age independentemente a partir de uma função de utilidade compartilhada.

O homem pega sua pasta de trabalho e a mulher, sua luva térmica porque a mulher é melhor no trabalho doméstico. Será menos eficiente se o homem pegar a luva e a família toda perderá. Como os economistas sabem disso? Bem, se a família não puder se beneficiar das mulheres ficarem em casa, então os homens deveriam ficar em casa. E eles não ficam.

Eles não formularam nenhum argumento real para as razões pelas quais as mulheres são mais eficientes domesticamente. Se algo foi escrito a esse respeito, foi uma declaração breve de que há relação com a biologia.

Quando alguém quer legitimar o patriarcado, quase sempre se refere ao corpo. Ser humano é subordinar o corpo ao intelecto, e as mulheres não são consideradas capazes disso e, portanto, elas não devem ter direitos humanos, cogitou a sociedade. As mulheres se tornaram “corpo” para que os homens pudessem ser “almas”. Elas foram mais e mais atadas à realidade corporal para que eles pudessem se libertar dela.

In other words, it was easy for the Chicago economists to refer to biology. For hundreds of years the assertion that something is natural has meant that it could not and should not be changed. We've been taught to think about the relationship between what's natural and what's possible in this way. We assume that biological facts carry political conclusions, rules as impossible to rebel against as nature itself. The fact that there are biological differences between men and women is seen to justify a certain kind of politics, and it is thought that the only way to reject this kind of politics is to deny that there are biological differences. But it isn't a question of biological differences. The question is what conclusions do we draw from them? That the woman bears the child means that the woman bears the child. Not that she should stay home and nurse it until it starts college.

Em outras palavras, era fácil para os economistas de Chicago se referirem à biologia. Por centenas de anos a afirmação de que alguma coisa é natural tem significado que é algo que não pode e não deve ser mudado. Fomos ensinadas a pensar sobre a relação entre o que natural e o que é possível desta forma.

That the woman's cocktail of hormones contains more oestrogen means that the woman's cocktail of hormones contains more oestrogen. Not that she shouldn't teach mathematics.

That only the woman has a body part with the sole purpose of giving her pleasure means that only the woman has a body part with the sole purpose of giving her pleasure. Not that she doesn't belong on a board of directors.

Sigmund Freud did indeed assert that women were inherently better at cleaning. The father of psychoanalysis thought it was because of the vagina's inherent filth. Women scrubbed, wiped and dusted to compensate for a feeling in their own bodies. But now, Freud didn't know much about vaginas, did he?

A woman's sexual organ is an elegant self-regulated system – much cleaner than, for example, our mouths. Countless lactobacilli (the kind you also find in yoghurt) work around the clock to keep things tidy.

When the vagina is healthy, it's a little more acidic than black coffee (pH-5) but less acidic than a lemon (pH-2). Freud didn't know what he was talking about.

There is nothing in a woman's biology that makes her better suited to unpaid housework. Or to wearing herself out in a vastly underpaid job in the public sector. If you want to legitimate the global relationship between economic power and having a penis, you'll have to look elsewhere. The Chicago economists never got that far. And even working within their framework, one starts to wonder. Is it really rational to have total specialization within a household? Is it actually 'valuable' to have one adult devote themselves to housework and the other to a career? Even if the world is totally rational, how reasonable is it for a family to decide that the one adult should spend all their time on unpaid housework and the other all their time on paid work outside the home? Irrespective of who does what, is this division of labour really efficient?

Yes, perhaps if you have fourteen children, no dishwasher and cloth nappies that have to be boiled in a large tub in the garden. When housework takes that kind of time and effort, having one person devote themselves to it is likely to be more efficient. The tasks are difficult and complex, and because you spend all your waking hours on them you'll get better at doing them. That one person's specialization makes the family as a whole more productive. But in a modern society and in a family with fewer children – it can't be that great a gain. Pushing a button on the dishwasher or changing the bag in the vacuum cleaner doesn't happen much more quickly if you've been doing it full-time for a decade. But the Chicago economists weren't such progressive thinkers.

Furthermore, their reasoning assumes that the experiences one gains doing housework aren't useful on the open market. The person who takes responsibility for domestic life loses work experience, so it's only natural that he or she will earn a lower wage, they reasoned. That is, what you learn from unpaid work in the home only applies to the home.

But who says that you don't become a better boss by getting a household to run smoothly? Who says that one, for example, can't become a sharper analyst by taking care of children? As a parent, you're an economist, diplomat, handyman, politician, cook and nurse.

Play, patience, compromise. The big questions: Mum, why is the sky blue? Dad, why does the kangaroo carry its baby on its stomach? Mum, how long is forever?

When one, like the Chicago economists, supposes that a household has a shared utility function, all the conflicts within a family become invisible. In reality, income earned outside the home can have an impact on power relationships within a family and can in turn influence the choices a family makes. Mum has less say because Dad pays the bills.

That competition and buying power are important everywhere except within a family is – like so much else that's part of what we call economics – an absurd hypothesis.

However economists calculated it, in principle they always concluded that woman's subordination was rational. Her lower economic position around the world must be a function of free will, what else could it be the result of?

The picture of the individual in the story of economics is bodiless and is therefore said to be unsexed. At the same time, economic man possesses every quality that our culture traditionally attributes to masculinity. He is rational, distant, objective, competitive, alone, independent, selfish, driven by common sense and in the process of conquering the world.

He knows what he wants, and he strikes out to get it.

Everything that he isn't – feeling, body, dependence, kinship, self-sacrifice, tenderness, nature, unpredictability, passivity, connection – is what has traditionally been associated with women.

But that's just a coincidence, say economists.

When the Chicago economists discovered that women exist, they added them to the model as if they were just like him. But that proved more difficult than Gary Becker anticipated. Since Adam Smith's time, the theory about economic man has hinged on someone else standing for care, thoughtfulness and dependency. Economic man can stand for reason and freedom precisely because someone else stands for the opposite. The world can be said to be driven by self-interest because there's another world that is driven by something else. And these two worlds must be kept apart. The masculine by itself. The feminine by itself.

If you want to be part of the story of economics you have to be like economic man. You have to accept his version of masculinity. At the same time, what we call economics is always built on another story. Everything that is excluded so the economic man can be who he is.

So he can be able to say that there isn't anything else.

Somebody has to be emotion, so he can be reason. Somebody has to be body, so he doesn't have to be. Somebody has to be dependent, so he can be independent. Somebody has to be tender, so he can conquer the world. Somebody has to be self-sacrificing, so he can be selfish.

Somebody has to prepare that steak so Adam Smith can say their labour doesn't matter.

11 November 2019



Excerpted from *Who Cooked Adam Smith's Dinner?: A Story of Women and Economics*, Pegasus Books.